

Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias



Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação

Sue Cavill com Robert Chambers e Naomi Vernon

Número 4, Fevereiro de 2015

CLTS Knowledge Hub do

www.communityledtotalsanitation.org



Institute of
Development Studies



Sobre o CLTS Knowledge Hub

O IDS tem vindo a trabalhar em apoio do Saneamento Total Liderado pela Comunidade (CLTS) desde que este começou. O CLTS tornou-se agora um movimento internacional do qual o IDS é o núcleo de saber reconhecido.

O CLTS Knowledge Hub dedica-se a compreender as realidades da prática de CLTS no terreno e a estudar, divulgar e promover boas práticas, ideias e inovações que conduzam a maior sustentabilidade e maior escala. Procuramos manter a comunidade de CLTS bem interligada e informada, e dar espaço para reflexão, aprendizagem contínua e troca de conhecimentos. Trabalhamos em colaboração com profissionais no terreno, decisores políticos, investigadores e outras pessoas que trabalham com desenvolvimento, saneamento e as comunidades envolvidas nestas questões.

Em última análise, o objectivo fundamental do núcleo é contribuir para a dignidade, saúde e bem-estar das crianças, das mulheres e dos homens do mundo em desenvolvimento que sofrem actualmente as consequências de um saneamento inadequado ou inexistente e de falta de higiene.

Foto da capa

UMA MULHER DE PÉ EM FRENTE DA SUA LATRINA LIMPAA E HIGIENICA, AUE ANJARASOA, AMBALAFENO, SOAVINA, DISTRITO DE BETAFO, REGIAO DE VAKINANKARATRA, MADAGASCAR, FEVEREIRO DE 2012

FOTOGRAFIA: WATERAID/ RINDRA RAMASOMANANA

Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação



Sue Cavill com Robert Chambers e Naomi Vernon

Citação correcta: Cavill, S. com Chambers, R. e Vernon, N. (2015) “Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação”, *Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias* Número 4, Brighton: IDS

Primeira edição: 2015

© Institute of Development Studies 2015

Alguns direitos reservados – ver licença de direitos de autor para mais informação.

ISBN 978-1-78118-242-0

Para mais informações, contacte:

CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, UK

Tel.: +44 (0)1273 606261

E-mail: CLTS@ids.ac.uk

Site: www.communityledtotalsanitation.org

Esta série foi licenciada com uma licença Creative Commons de Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt>).

Atribuição: Deve atribuir o devido crédito da maneira especificada pelo autor ou licenciante.

NãoComercial: Não pode usar este trabalho para fins comerciais.

SemDerivações: Não pode alterar, transferir ou transformar este trabalho.

Os utentes podem copiar, distribuir, exhibir, traduzir ou levar à cena este trabalho sem autorização por escrito. Para cada novo uso ou distribuição, deve deixar claro para terceiros os termos da licença desta obra. Se usar o trabalho, pedimos que faça referência ao site do CLTS (www.communityledtotalsanitation.org) e envie uma cópia do trabalho ou um link para a sua utilização em linha para o seguinte endereço: CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, Reino Unido (CLTS@ids.ac.uk). Foi dada autorização para tirar e usar todas as fotografias publicadas neste número.

Esta série foi financiada pela Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional, ASDI:



Agradecimentos: O nosso muito obrigado a Yolande Coombes, Suzanne Hanchett, Andrés Hueso e Andy Robinson pela revisão da primeira versão e valiosos comentários e sugestões.



Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação¹

Contexto

Cada uma das três fases sobrepostas na história do CLTS apresentou as suas principais características, preocupações e prioridades:

1. *Crescimento inicial e aceitação.* Criatividade, aprendizagem rápida, credibilidade. Refinar métodos, lançamentos nos países, estabelecer pontes, confrontar ceticismo, resistência e rejeição, encontrar e apoiar promotores de CLTS.
2. *Aplicação em larga escala.* Rápida divulgação nacional, internacional e organizacional. Manter a qualidade na formação e desempenho, verificação, conhecer as realidades no terreno.
3. *Compromisso maduro.* Sustentabilidade e alcance. Seguimento pós-ODF (Livre de Fecalismo a Céu Aberto), comercialização e “escada de saneamento”, ambientes problemáticos, risco ambiental quando as fossas são esvaziadas ou substituídas, diversidade, profundidade e amplitude da pesquisa para refinar o CLTS, fronteiras mais vastas.

Nos últimos anos, a sustentabilidade das condições ODF nas zonas rurais tem vindo a ser umas das principais preocupações em workshops e conferências. Outros números desta série explorarão e analisarão a ampliação das fronteiras e aspectos de alcance e diversidade. Este número pretende fazer um resumo e um balanço do que sabemos sobre sustentabilidade, implicações práticas desse conhecimento e que mais precisamos de saber.

Definições e dimensões

O que tem de ser sustentável? Para o CLTS, a sustentabilidade refere-se a comunidades inteiras e ao seu estatuto ODF. As definições e os critérios para avaliar as comunidades ODF são normalmente os seguintes:

- Erradicação do fecalismo a céu aberto na comunidade.
- Latrinas familiares que sejam higiénicas, permitam isolar as fezes de modo seguro, garantam privacidade e tenham uma tampa sobre o buraco para defecar e um telhado para as proteger.
- Uso de saneamento por todos os membros do agregado familiar e todos os membros da comunidade.
- Um lavatório para as mãos nas proximidades, com água, sabão ou cinzas, e indícios de uso regular.

¹ Esta edição das *Fronteiras do CLTS* é uma tentativa de fazer uma síntese actualizada de onde nos encontramos no início de 2015. Temos perfeita consciência de que se trata de uma área que evolui rapidamente, com mudanças, ideias e desenvolvimentos a surgirem constantemente, e agradecemos muito todos os contributos, sugestões e comentários dos leitores.

Alguns países acrescentaram outros elementos ou um estatuto mais rigoroso, definido como ODF+ (N.B.: cocó das crianças não está incluído):

- Lavagem das Mãos.
- Armazenamento e manuseamento seguros da água potável.
- Higiene alimentar (escorredores de louça elevados, alimentos cobertos).
- Eliminação de água cinzenta
- Gestão de resíduos sólidos.
- Oferta de latrinas institucionais em escolas, mercados e para os transeuntes.

A sustentabilidade do ODF no seu sentido mais amplo remete para a existência e manutenção de todos estes comportamentos, condições e instalações, incluindo a limpeza e uma utilização higiénica de casas de banho por todos os membros de uma comunidade ao longo do tempo, e uma gestão e eliminação seguras de matéria fecal. Na forma como é actualmente utilizada, a expressão sustentabilidade do CLTS refere-se a comunidades que foram verificadas como sendo ODF (tendo atingido os critérios localmente exigidos) e, em seguida, certificadas (verem oficialmente confirmado esse estatuto, geralmente através de uma verificação por terceiros) e mantiveram posteriormente esse estatuto. Nalguns casos são realizadas reverificações para confirmar se foi mantido o estatuto ODF.



Lavagem de mãos no Malawi.
Fotografia: Petra Bongartz.

As estatísticas de sustentabilidade baseiam-se no pressuposto de que as comunidades eram ODF à partida e cumpriam todos os critérios em que estão a ser reavaliadas (ver, por exemplo, o estudo da Plan). O retrocesso real pode ser exagerado, se a verificação original e a certificação foram de qualidade inferior à reverificação. Isto pode acontecer onde as comunidades “montam um espectáculo” para essa ocasião ou onde os critérios originais, como sejam 100% de lavagem das mãos com sabão, eram irrealistas ou difíceis de verificar. Isto é susceptível de acontecer especialmente quando a verificação é inadequada ou pouco profissional e quando há recompensas para se tornar ODF. Embora isso varie de estado para estado, aconteceu com os prémios Nirmal Gram Puraskar na Índia

(para os quais não foi usado CLTS), em que muitas comunidades nunca foram ODF à partida (CLTS Knowledge Hub 2011, 2012). As estatísticas podem também ser objecto de distorção, se os critérios utilizados na reverificação diferem dos usados na verificação inicial. Muitas vezes, não é claro se os relatórios de retrocesso se referem a membros do agregado familiar que voltaram a OD ou ao número de comunidades que não conseguiram permanecer ODF ou não cumprem outros critérios ODF (como sejam lavagem das mãos ou protecção da água).

Quatro estudos importantes e as suas conclusões

Os quatro estudos

As fontes a que recorremos são quatro importantes projectos de pesquisa:

Plan International em Africa

A Plan International Austrália encomendou uma pesquisa, realizada em 2012-2013, sobre sustentabilidade ODF nos programas da Plan International na Etiópia, na Quénia, na Serra Leoa e no Uganda (Tyndale-Biscoe et al 2013). O estudo usou definições nacionais de ODF e reverificou o estatuto ODF de 116 comunidades que (com algumas excepções no Uganda) tinham sido declaradas ODF dois ou mais anos antes. O tamanho das aldeias variava entre os 6 e os 138 agregados familiares, com uma média de 43. Os métodos incluíram reverificação de todos os 4.960 agregados familiares e cronologias participativas de saneamento dos agregados familiares. As conclusões principais foram as seguintes:

- Os dados de reverificação revelaram que 87% dos 4.960 agregados familiares ainda tinham uma casa de banho a funcionar. Das 116 aldeias, 27 ainda tinham cobertura completa de latrinas, e as restantes 89 tinham taxas de retrocesso que variavam entre 2% e 57%.
- O programa CLTS tinha sido muito eficaz para a construção de latrinas simples de fosso, mas quase nenhum agregado familiar estava a avançar na ‘escada do saneamento’, o que é particularmente importante se essas latrinas não estiverem a funcionar ou não forem higiénicas.
- Os motivos mais frequentemente referidos para os 13% de retrocesso eram dificuldades financeiras, cessação do apoio dentro da comunidade, incómodo e desconforto, reconstrução e esvaziamento de fossas, e partilha de latrinas.
- Outras conclusões foram que, dos 4.960 domicílios do estudo, 89% não tinham sinais visíveis de excrementos na vizinhança, 37% tinham lavatórios de mãos, 25% tinham lavatórios e sabonete/cinza, e 19% tinham uma tampa a cobrir o buraco da latrina.



Discussão de Factores, Kilifi, Quênia. Fotografia: Plan International, Estudo de ODF da Plan.

Os autores observam “que o estudo partiu do pressuposto que, no momento da certificação ODF, todas as famílias em todas as aldeias cumpriam todos esses critérios – um pressuposto que é impossível verificar. Na verdade, é provável que processos de verificação ODF não muito perfeitos tivessem deixado passar algumas famílias que não cumpriam todos os critérios. Assim, é provável que os números de retrocesso apresentados sejam maiores que os números reais, o que, por um lado, significa que o retrocesso

real é menor do que o indicado, mas, por outro, que o sucesso inicial em obter aldeias ODF também é menor do que o previsto” (Tyndale-Biscoe et al 2013: 30). Isto é verdade sobretudo para os critérios relacionados com não-OD.

Avaliação da UNICEF

A UNICEF encomendou uma avaliação, realizada em 2013, dos seus programas CATS (Abordagens Comunitárias para Saneamento Total) (UNICEF 2014). Os CATS, aprovados pela UNICEF em 2008, partilham princípios e abordagem com o CLTS. Em 2014, estavam a ser implementados em 58 países. As diversas actividades da equipa de avaliação incluíam visitas de 10-14 dias à Índia, Nepal, Moçambique, Serra Leoa e Mauritânia, seleccionados pela sua diversidade representativa. Embora os programas CATS tivessem sido considerados eficazes e eficientes, foram levantadas preocupações sobre a sustentabilidade na fase de certificação pós-ODF, nomeadamente:

- Durabilidade da infra-estrutura.
- Desenvolvimento do lado da oferta, o que requer que se experimentem mecanismos de financiamento inovadores e maior interacção com o sector privado.
- Continuação da adesão às normas sociais para comportamento ODF.
- Falta de subsídio, ou seja, havia implicações na sustentabilidade e na equidade relativamente às comunidades mais difíceis de alcançar e às populações muitíssimo pobres.



Aldeia ODF, Indonésia. Fotografia: Programa de Água e Saneamento/Banco Mundial

Indonésia

Em 2010, o WSP realizou uma pesquisa sobre sustentabilidade em 80 comunidades despertadas para o CLTS em 20 distritos no Leste de Java, usando um vasto repertório de métodos participativos (WSP 2011; Mukherjee et al. 2012). Foram seleccionadas vinte comunidades em cada uma das quatro categorias - rapidamente ODF, tardiamente ODF, não ODF, mas com alta cobertura, e não ODF com baixa cobertura.

As conclusões foram as seguintes:

- A qualidade das sessões de despertar foi um factor significativo, mas apenas a boa qualidade do despertar para o CLTS não garante resultados ODF.
- As comunidades “rapidamente ODF” eram o modelo mais eficiente para ampliar a escala de sustentabilidade: 95% destas comunidades tinha mantido a sua mudança de comportamento entre 4 e 28 meses após terem sido declaradas ODF.
- A sustentabilidade estava relacionada com o capital social e o apoio no seio das comunidades, a liderança, a disponibilidade dos materiais desejados, ausência de subsídios, e seguimento pós-ODF por agências externas em conjunto com as comunidades.

Bangladeche

O WSP encomendou um estudo no Bangladeche, para examinar o estatuto de 53 *union parishads* que tinham alcançado cobertura de 100% de latrinas antes de 2005, o que era, pelo menos, 4,5 anos antes (Hanchett et al. 2011). Constatou-se que 89,5% dos 3.000 agregados familiares pesquisados possuíam ou partilhavam uma latrina que isolava as fezes com segurança. O enfoque foi em práticas de defecação, instalações físicas e serviços relacionados. O estudo comparou os resultados locais segundo a abordagem inicial da campanha: governo local apenas, ONGs sob contrato, ONGs usando métodos CLTS, ou ONGs não dando destaque a métodos CLTS. As comunidades do CLTS tinham casas

de banho significativamente mais desenvolvidas (incluindo as partilhadas por mais de um agregado familiar). Era compartilhada por mais de duas famílias uma percentagem mais elevada (28%) de casas de banho em zonas do CLTS que noutras zonas (11-20%). Outra constatação importante foi que as casas de banho partilhadas tinham mais probabilidades de estarem sujas que as casas de banho privadas, sendo que 65% das casas de banho partilhadas tinham sido consideradas “pouco limpas”, em comparação com 49% das casas de banho privadas. Os níveis de OD num subgrupo de 13 *unions* não foram considerados melhores em zonas de CLTS que noutras zonas, talvez porque as zonas de CLTS tinham mais partilha. A limpeza das casas de banho era preocupante em todas as áreas, especialmente com casas de banho partilhadas. Os factores de sustentabilidade eram programas de seguimento pós-ODF, liderança local, assistência às famílias pobres e acesso rápido a peças e serviços de casas de banho. Os agregados familiares que receberam visitas de seguimento pós-ODF tinham 1,4 vezes mais probabilidades de ter instalações sanitárias melhoradas.



Latrina pública num bazar, Distrito de Banaripara Upazila Barisal 2009. Fotografia: Anwar Islam / Programa de Água e Saneamento / Banco Mundial.

Os níveis de OD num subgrupo de 13 *unions* não foram considerados melhores em zonas de CLTS que noutras zonas, talvez porque as zonas de CLTS tinham mais partilha. A limpeza das casas de banho era preocupante em todas as áreas, especialmente com casas de banho partilhadas. Os factores de sustentabilidade eram programas de seguimento pós-ODF, liderança local, assistência às famílias pobres e acesso rápido a peças e serviços de casas de banho. Os agregados familiares que receberam visitas de seguimento pós-ODF tinham 1,4 vezes mais probabilidades de ter instalações sanitárias melhoradas.

Outras fontes

Também recorremos a outras fontes, incluindo pesquisa da WaterAid feita no Bangladeche, Nepal e Nigéria, em 2008-2009 (WaterAid 2009; Robinson 2009), na maior parte logo após a verificação ODF; a Iniciativa Um Milhão de Moçambique (Pendly e Obiols 2013); um programa da GOAL na Serra Leoa (Boot, 2014); e outras avaliações, por exemplo, por Eduardo Perez et al (2012) e Kathryn O'Connell (2014). Notamos também dados emergentes de casos em que foi encontrada pouca ou nenhuma diferença em resultados de saúde entre OD e latrinas simples de fosso não melhoradas (Quattri e Smets 2014; WSP 2014a; WSP 2014b; Beyene e Deressa 2015).

Todos estes estudos em conjunto apontam para a raridade e importância de subir a “escada do saneamento” ou começar acima do seu degrau mais baixo.

Nesta avaliação, separamos três dimensões da sustentabilidade:

- **Condições favoráveis**, referindo-se a instituições e processos.
- **Sustentabilidade física e técnica**, referindo-se a condições físicas, estruturas, “escada do saneamento” e mercado.
- **Sustentabilidade social e comportamental**, referindo-se a normas sociais e comportamentais e dinâmicas dentro das comunidades e culturas.

Estas dimensões interagem entre elas e reforçam-se ou enfraquecem-se mutuamente.

Condições favoráveis de instituições e processo

As condições favoráveis são prioridade política e campanhas; qualidade, inclusão, intensidade, planeamento e calendarização de actividades; e seguimento pós-ODF.

Prioridade política e campanhas: Os países com mais êxito em alcançar comunidades ODF fizeram do saneamento uma elevada prioridade política². Deu-se destaque a campanhas nacionais, que se prolongaram durante anos, com uma forte liderança política e administrativa e aos níveis nacional e local (para uma lista de acções práticas em campanhas, ver Chambers 2013).



O Governo do Distrito de Ende e a Plan Indonésia assinaram um memorando de entendimento para Implementação de STBM (estratégia nacional para a higiene e saneamento usando a abordagem CLTS) por quatro anos. Fotografia: Nasrus Syukroni / Plan Indonésia.

Tem sido comum uma abordagem multisectorial e com múltiplos intervenientes, com o apoio de um sector de ONGs dinâmico (Hanchett et al 2011). No Bangladeche, a campanha ODF 2003-2006 assentava nos alicerces dos programas de saneamento anteriores (incluindo a campanha nacional de Mobilização Social para o Saneamento, que decorreu de meados da década de 1980 até meados dos anos 1990). Os agregados familiares que se lembravam da campanha tinham mais probabilidades de ter uma latrina melhorada ou partilhada.

² Muitos países escreveram já directrizes de verificação e certificação nacionais. Ver www.communityledtotalsanitation.org/resource/national-protocols-and-guidelines-verification-and-certification.

Qualidade, inclusão e intensidade do programa: A qualidade dos processos do CLTS é fundamental para resultados sustentáveis. São fundamentais uma preparação pré-despertar e um despertar bem sucedido. Quanto mais inclusiva for a participação na sessão de despertar, melhor: aponta-se o objectivo de 80% dos membros da comunidade presentes como regra geral. O estudo da Plan concluiu que a ida das mulheres à sessão de despertar era mais importante que a dos homens. Todos os membros da comunidade, incluindo as pessoas com deficiência, os idosos



Reunião de mulheres dirigentes, Kilifi, Quênia. Fotografia: Plan International, Estudo de ODF da Plan.

e os marginalizados devem ser incentivados e apoiados para participar (para mais informação, consulte o N° 3 de *Fronteiras do CLTS*). Os dias e o horário devem convir tanto a homens como a mulheres.

Outros factores importantes são a frequência de visitas dirigidas de seguimento no terreno, o tempo e o esforço investidos nestas visitas, e o papel dos Líderes Naturais, além de funcionários de ONGs e do governo local e outros

promotores de CLTS e a sua continuidade. Foram obtidos bons resultados no programa do UNICEF no Mali, com duas visitas de seguimento por semana, até ser alcançado o estatuto ODF (Bevan 2011). As visitas de seguimento são essenciais depois de ter sido alcançado o estatuto ODF.

Planeamento e calendarização de actividades: Este pode ser um factor de sustentabilidade social. A sustentabilidade pode ser planeada de início prevendo aspectos posteriores como a calendarização e faseamento de comercialização e serviços, microfinanças, e programação pós-ODF (ver mais adiante).

Demoras e atrasos na verificação podem desmotivar comunidades e, portanto, criar de retrocesso ao OD (CLTS Knowledge Hub 2011), mas um espaço tempo entre as comunidades declararem-se ODF e a verificação pode inculcar o hábito de usar casa de banho (Thomas e Bevan 2013). Na Nigéria, pensa-se que se promove sustentabilidade atrasando a certificação do estatuto ODF até seis meses após a verificação (CLTS Knowledge Hub 2012).

Seguimento pós-ODF: Seguimento e reforço são essenciais para a sustentabilidade do estatuto ODF, mas têm sido em grande medida negligenciados. A certificação ODF tem sido muitas vezes tratada como

acontecimento final, deixando-se a sustentabilidade pós-ODF abandonada a si mesmo. A avaliação do programa CATS do UNICEF (2014) observou que não é dada atenção suficiente às necessidades de capacidade e de recursos após a obtenção de estatuto ODF. Raramente houve um orçamento do governo ou de uma ONG para apoio adequado pós-ODF. Muitos orçamentos de ONGs são para períodos limitados, com pressão para atingir objectivos e encerrar, sem disposições a longo prazo, especialmente quando se trata de financiamento de doadores baseado em resultados. Tanto o Governo como as ONGs tendem a não assumir compromissos institucionais a longo prazo e a não ter recursos financeiros e outros, para seguimento e capacitação (Venkataramanan 2012), mas há mais continuidade com pessoal do governo do que com ONGs.



A equipa de STBM do Subdistrito e da aldeia de Tiwerea fez monitoria regular para acompanhar o progresso dos 5 Pilares de STBM. Fotografia: Nasrus Syukroni / Plan Indonésia.

O apoio externo pós-ODF pode incluir:

- Visitas domiciliárias mais frequentes e mais dirigidas por agentes de saúde do governo.
- Programas de reverificação regular.
- Sistemas formalizados de apoio aos Líderes Naturais.
- Visitas contínuas por parte de ONGs, funcionários do governo local e Líderes Naturais.
- Comercialização e fornecimento de materiais (veja mais adiante).

O estudo da Plan (Tyndale-Biscoe et al 2013) constatou que apoio e incentivo externos influenciavam as decisões dos agregados familiares: os agregados familiares OD apresentaram a falta de apoio como o terceiro factor mais importante na sua decisão de abandonar as casas de banho. A avaliação da UNICEF do CATS (2014) sublinhou mais uma vez a necessidade de actividades de reforço para garantir que sejam mantidos os novos comportamentos ODF. Thomas e Bevan (2013) recomendam visitas pós-certificação pelo menos uma vez por mês durante o primeiro ano. O estudo do WSP no Bangladesh (Hanchett et al 2011) constatou que as famílias que declararam terem sido cobertas por um programa de seguimento tinham mais probabilidades de ter uma casa de banho melhorada ou partilhada que as outras. No Bangladesh,

foram estabelecidos programas de saneamento a longo prazo para apoiar a mudança de comportamento, incluindo um secretariado de saneamento no governo e celebrações num “mês do saneamento”. Os dados apontam repetidamente para a conclusão de que a manutenção do estatuto ODF é mais provável com a continuação de estímulo e apoio externos e quando as pessoas que fazem o seguimento são encorajadoras e mostram empatia com as comunidades e as famílias, em vez de fazerem julgamentos de valor ou darem sermões.



Celebrações ODF, Nepal. *Fotografia: Fiona Budge e Ministério da Água, Irrigação e Energia, Nepal.*

As medidas que podem ser tomadas incluem contratos de desempenho para o pessoal da saúde, orientação e supervisão, cursos de reciclagem, e aperfeiçoamento profissional para manter a qualidade das intervenções para mudança de comportamento.

Boa gestão, compromisso e continuidade dos funcionários e de outros promotores de CLTS:

É importante um governo local que promova activamente melhorias no saneamento. Também o planeamento na fase de pré-despertar, avaliação de informação para melhorar os programas de

CLTS, sistemas eficazes de gestão de informação e indicadores de resultados, e papéis claramente definidos para os gestores do CLTS ao nível distrital podem contribuir para a sustentabilidade (Maulit e Kang 2011). No Bangladesh, a continuidade da liderança, do empenho, do entusiasmo e da atribuição de recursos por parte do Presidente da *union* foram factores importantes para a sustentabilidade: presidentes activos melhoraram as práticas de saneamento na suas *unions*, continuamente recordando às pessoas a importância de casas de banho higiénicas, apoiando famílias pobres e reforçando as novas normas sociais. Promotores apaixonados e empenhados, sejam eles funcionários do governo, representantes eleitos ou outros Líderes Naturais, destacam-se repetidamente pelas suas contribuições significativas para a sustentabilidade.

Mecanismos de financiamento: Para os agregados familiares manterem o uso de casas de banho, são geralmente necessários fundos para operação e manutenção, para substituir ou melhorar casas de banho básicos, ou para sair de esquemas de partilha (Hanchett et al 2011). Casas de banho de pouca qualidade podem resultar de falta de fundos domésticos ou pouca prioridade relativamente a outras despesas. As fontes de recursos podem ser as próprias poupança da família, empréstimos a fontes como grupos de poupança locais e microcréditos, remessas e, por vezes, subsídios específicos. Estes fundos podem aumentar a probabilidade de continuar a usar a casa de banho.

Promoção contínua de padrões elevados:

Quando as pessoas adoptaram o hábito de uso de casas de banho, a expectativa é de que elas comecem a subir a ‘escada do saneamento’ e invistam em melhores tecnologias. Há pouca experiência de como incentivar as famílias a melhorar as práticas de saneamento. No Bangladesh, subir a “escada do saneamento” estava relacionado com um programa de seguimento, um promotor de CLTS do governo local e apoio aos empresários que produziam peças para casas de banho, bem como a esvaziadores de fossas.



Impulsionador fazendo um chão de latrina, aldeia de Chikompulazi, Mzuzu, Malawi. *Fotografia: WaterAid / Ernest Randriarimalala.*

Sustentabilidade física e técnica

Condições físicas: Um despertar para o CLTS eficaz leva muitas vezes à acção imediata de abrir fossas. A facilidade dessa tarefa e a durabilidade das fossas variam. Em condições favoráveis, a escavação das fossas é relativamente fácil e as paredes do poço são estáveis. Em condições de solo arenoso, as paredes tendem a ser instáveis e a desmoronar-se, especialmente com chuvas e inundações. Em condições de solo rochoso, não é possível uma escavação rápida, mas, quando se pode cavar uma fossa de tamanho razoável, essa fossa é estável. Acidentes frequentes, como cheias e desmoronamentos de fossas, tal como referidos no estudo do Bangladesh (Hanchett et al 2011), são desanimadores e os afectados podem voltar ao OD ou optar por casas de banho temporárias de pouca qualidade. As áreas afectadas por calamidades naturais (ciclones, inundações, maremotos, chuvas de monção, desabamento de terras ou tornados) requerem concepções técnicas adequadas e, muitas vezes, intervenções pós-desastre. Além disso, tende a haver falta de orientação sobre a profundidade da fossa: fossas mais pequenas tendem a ser mais estáveis e a tornar-se auto sustentáveis à medida que se vão enchendo com o tempo, mas sabemos que há fossas que chegam a ter 10 ou 15 metros de profundidade.

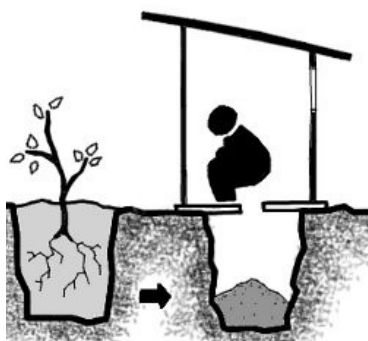
Há outras condições que enfraquecem a sustentabilidade. Massas de água nas proximidades – lagoas e lagos, e mais ainda, cursos de água, como ribeiros, rios e mar – prejudicam a adopção e a manutenção do uso de casas de banho, porque fornecem lugares práticos para OD e limpeza. A falta de espaço para substituir ou cavar novas casas de banho, quando há

elevada densidade populacional, também pode diminuir a sustentabilidade e a poluição da água subterrânea também pode ter esse efeito.

A sustentabilidade da lavagem das mãos e da conservação das casas de banho em bom estado de limpeza depende de existência de água disponível, da distância a que ela se encontra, de como é transportada e de quem a vai buscar. Factores adversos são a distância, o transporte à mão, e o tempo e a energia de quem a vai buscar (muitas vezes mulheres) e faz a limpeza. Factores favoráveis são a proximidade de fontes de água em todas as estações do ano e transporte em carrinhos de mão ou de burro.

Qualidade da casa de banho, apoio técnico e oferta no mercado: O estudo da Plan (Tyndale-Biscoe et al 2013) concluiu que construção e materiais de má qualidade eram um factor significativo para a decisão de abandonar as casas de banho e que casas de banho de maior qualidade tinham mais probabilidades de durar e de ser mantidas. Casas de banho de má qualidade sem selo de água nem tampa ajustada são susceptíveis de cheirar mal e atrair moscas, o que impede o uso e leva ao abandono. Os agregados familiares com acesso a apoio técnico tinham mais probabilidades de preservar as suas casas de banho. No Bangladesh, onde as chuvas e inundações são ameaças habituais, foram muito usados anéis de cimento na subestrutura para evitar o desmoronamento. Em vez de padrões hierárquicos ou conselhos prescritivos, muitos programas de CLTS deixam a cargo da comunidade a concepção de casas de banho. Mas, com pouca experiência anterior, fazer casas de banho sustentáveis é difícil.

O esvaziamento das fossas é outro factor fundamental para um uso sustentável. Pode não se construir uma casa de banho por querer uma fossa muito grande e cara que demore mais tempo a encher, mas as fossas maiores tendem a ser menos estáveis e a aumentar o risco de desmoronamento. Pode usar-se menos a casa de banho por essa mesma razão, com alguns membros da família praticando OD, especialmente quando uma fossa está quase cheia. Há três factores que podem ajudar: fossas duplas, em que uma se pode cobrir e tornar-se bom estrume, enquanto a outra está em uso; latrinas-árvores (*arborloos*), em que as fossas são pequenas, são cobertas quando estão cheias, são plantadas árvores e cava-se nova fossa; e empresários que oferecem serviços de esvaziamento, o que pode levantar questões de eliminação segura da matéria fecal. No sul da Ásia, os conceitos de pureza e de poluição, e o baixo estatuto e a exclusão das castas de “varredores” pode ser um factor para os utentes de casas de banho de outras castas desejarem adiar o momento de ter de enfrentar problemas de eliminação final da matéria fecal.



Latrina-árvore (*arborloo*). Fotografia: Manual de SSWM (EAWAG et al. 2015).

O acesso ao mercado e a serviços para produtos, bens e serviços de saneamento a preços acessíveis pode ser um condição para uma construção durável, para subir a escada do saneamento e para uma uso sustentável, incluindo:

- Inovação técnica que reduz os custos das casas de banho (WaterAid 2009), incluindo a concepção participativa, conforme descrito no N° 1 de *Fronteiras do CLTS*, e planeamento para o que acontece quando a fossa enche.
- Empresários que respondem ao mercado para necessidades dos consumidores de baixa rendimento com produtos e materiais duráveis como placas e anéis ou tijolos para revestimento de fossas.
- Financiamento de pesquisa e desenvolvimento para criar tecnologia barata e aceitável, por exemplo, a Iniciativa de Venda de Saneamento³
- Maneiras fáceis de cavar novas fossas.
- Pedreiros para construção e reparos.
- Acesso a financiamento para melhoramento de casas de banho, para subir a ‘escada do saneamento’.
- Esvaziadores de fossas, como no Bangladesh, onde se podem chamar através dos celulares.
- O WSP desenvolveu uma ferramenta simples (2 páginas A4) para os trabalhadores de saúde pública darem orientações sobre a profundidade, forma, revestimento, placa e superestrutura da fossa (a ser publicado em 2015).

Outra condição é que os chefes dos agregados familiares e os comités locais tenham o conhecimento técnico e a confiança para monitorar e garantir a qualidade dos materiais e da construção.



Elifa Mwaungulu construindo uma placa para o chão de uma latrina, aldeia de Chikompulazi, Mzuzu, Malawi. Fotografia: WaterAid / Layton Thompson



Parque de saneamento, Miandrivazo, Madagáscar, 2012. Fotografia: WaterAid / Anna Kari

³ Uma iniciativa conjunta de Internacional Finance Corporation (IFC), Banco Mundial e Programa de Água e Saneamento (WSP), consulte www.wsp.org/sites/wsp.org/files/publications/WSP-IFC-Brochure-Selling-Sanitation-FINAL.pdf (em inglês)



Zinah e a sua filha Zin, de 13 anos, construindo a sua casa de banho. Aldeia de Ambohimasina, comuna de Talatan' Angavo, distrito de Ankazobe, região de Analamanga, Madagáscar. Outubro de 2013. *Fotografia: WaterAid/Ernest Randriarimalala.*

Sustentabilidade social e comportamental

Mudança sustentável das normas sociais: As normas sociais contribuem para a preferência das pessoas por OD ou ODF. As normas sociais são valores, crenças, atitudes e comportamentos socialmente aceites ou acordados – que reflectem o que uma pessoa considera o comportamento correcto e esperado. Isto está relacionado com o modo como as pessoas pensam que os outros esperam que elas se portem e o que a maioria das outras pessoas fazem. O despertar e os processos de CLTS são concebidos para provocar mudança colectiva de comportamento, transformando a norma social, que era o OD, na utilização de uma casa de banho, com comunidades inteiras que se tornam ODF. Nas comunidades ODF, a norma social é, então, as pessoas esperarem que os outros usem casa de banho e tenham um comportamento higiénico e acreditem que os outros esperam que elas façam o mesmo.

Muitos estímulos, ferramentas e actividades são descritos na bibliografia sobre o assunto (por exemplo, no *Manual de Saneamento Total Liderado pela Comunidade* (Kar com Chambers 2008)) e estão continuamente a surgir outros novos. Uma das inovações dignas de nota é o compromisso público. Em Bengala Ocidental, no âmbito dos processo de CLTS, reuniram-se todos os membros de sete comunidades e comprometeram-se individualmente a abandonar o OD, através de uma assinatura em público. Os compromissos eram recordados por muita gente dois anos e meio mais tarde (comunicação pessoal de Sujoy Chaudhury), o que contrasta com a experiência comum de que nem todos os membros de uma comunidade estão presentes numa sessão de despertar e muitos não se lembram dela mais tarde.

O ODF é amplamente considerado mais sustentável em comunidades homogéneas ou comunidades separadas de muçulmanos ou hindus (Geruso e Spears 2014). Especialmente em comunidades heterogéneas e socialmente divididas, há ainda muito a aprender sobre abordagens, complexidades e subtilezas na transformação e preservação de mudanças das normas sociais.

A promoção, coerência e consistência por parte do governo são também factores importantes que influenciam as normas sociais. Em partes de Madhya Pradesh, na Índia, o discurso governamental promovendo a limpeza e o saneamento incentivou as comunidades à sua mudança de comportamento, reforçado por melhorias de saneamento nas escolas e *anganwadis* (creches para crianças pequenas). Isso evitou a habitual incoerência de um forte apelo a que os agregados familiares construam as suas próprias casas de banho quando o governo não constrói as suas em edifícios públicos (Andrés Hueso, comunicação pessoal).

Motivações: Os factores de motivação para adoptar latrinas e manter um comportamento ODF são a pressão social positiva, como prestígio e benefícios que se prevêem – comodidade, privacidade, dignidade, poupança de tempo gasto em OD, segurança, benefícios para a saúde, insatisfação



Caminhada transversal: um rapaz cobre a boca com repulsa, aldeia de Gejeji, distrito de Dembel, região somali da Etiópia. *Fotografia: Ahmed Abib.*

com os esquemas em funcionamento, e estigma e discriminação quando o OD é mal visto. A repulsa é também um factor de motivação (Curtis 2013). Estes factores dependem de características geográficas e religiosas e vão evoluindo ao longo do tempo (Allan 2003; O'Connell 2014). O estudo do WSP no Bangladeche (Hanchett et al 2011) concluiu que a persuasão, as normas sociais, a educação pública e a monitoria ao nível de comunidade eram formas

mais eficazes de motivar a preservação de comunidades ODF do que ameaças, coerção, medo e força. O estudo da Plan (Tyndale-Biscoe et al 2013) concluiu que os motivadores comuns eram saúde; vergonha/orgulho/repulsa; privacidade/segurança e comodidade/conforto. O casamento no Sul da Ásia está intimamente relacionado com normas e estatuto familiar e pode ser um factor motivacional para a adopção de comportamentos ODF: temos conhecimento de famílias que fazem uma latrina para arranjar um bom partido para o seu filho ou a sua filha (ver, por exemplo, Hanchett et al 2011).

Uma avaliação do WSP (O'Connell 2014) encontrou vários factores de motivação, incluindo a acessibilidade e a disponibilidade de latrinas, produtos e serviços de saneamento em funcionamento; atributos da latrina (por exemplo, percepções de limpeza e durabilidade); normas sociais; preço considerado acessível da latrina; capacidade das pessoas de construir e fazerem manutenção elas próprias; e estabelecimento de prioridade relativamente a outros gastos domésticos. Foram também identificados impulsos emocionais, sociais e físicos, incluindo: vergonha e embaraço associados com o OD; percepções de melhoria do estatuto social, privacidade e comodidade associadas com a posse e utilização de latrina; e as condições físicas e geográficas contextuais (por exemplo, acesso a água e perfil do solo), factores sazonais, e a época do ano.

Líderes naturais: É há muito conhecida a importância de Líderes Naturais na ampliação e na sustentabilidade do CLTS, juntamente com a boa vontade, o empenho e o apoio entusiástico de líderes locais. Observou-se êxito na manutenção de ODF onde os Líderes Naturais, Chefes ou outras pessoas localmente respeitadas fazem visitas ao domicílio e monitoria porta-a-porta para incentivar as pessoas a manter e a melhorar os novos comportamentos, condições e instalações. Foi também sugerido que sejam identificados influenciadores importantes na fase pré-despertar e que sejam, em seguida, incluídos no processo de CLTS (Maule 2013). O importante

papel desempenhado por crianças e professores tem sido reconhecido desde os primeiros tempos do CLTS (ver, por exemplo, o *Manual de CLTS*, pp50-53), e o papel que desempenham no seguimento e na monitoria de OD também é bem conhecido. As crianças podem tornar-se Líderes Naturais.

Estão agora a surgir algumas organizações de Líderes Naturais. Acaba de ser publicado um estudo de avaliação do potencial de duas destas organizações na Índia (Rao 2015). Em Oromia, na Etiópia, os Líderes Naturais organizaram-se numa associação que está montada como uma empresa, tem estatuto jurídico e estatutos próprios. A Plan apoiou-a com formação para adquirir competências empresariais para se tornar rentável e sustentável. A associação centra-se em sustentabilidade de ODF e levar as comunidades a subir a “escada de saneamento”, por exemplo através da produção de placas e outros materiais de higiene e saneamento e da sua venda aos membros da comunidade. A associação também recolhe resíduos sólidos na vila rural das proximidades, faz compostagem das partes degradáveis e queima os resíduos não degradáveis (Jalloh et al s.d.).

Casas de banho partilhadas ou casas de banho comunitárias: As casas de banho partilhadas podem diminuir a sustentabilidade ODF, devido a questões de:

- Limpeza, quando os outros sujam uma casa de banho.
- Quem é responsável por mantê-la limpa.
- Esperar e fazer fila, e assim voltar ao OD por comodidade pessoal e/ou para reduzir o tempo de espera para os outros (por exemplo, as crianças que se estão a preparar para ir para a escola).
- Encher-se depressa e ficar cheia.
- Esvaziamento da fossa – quem o pode fazer, quem trata disso e quem paga.
- Cavar outra fossa quando a primeira se enche.
- Quem mantém ou melhora a instalação e como se dividem o trabalho e os custos.
- Perigo e violência, especialmente em condições urbanas, onde a falta de casas de banho nas casas e ter de usar as casas de banho partilhadas, nomeadamente à noite, expõe as mulheres a um risco de agressão (ver House et al 2014, e o próximo número do *Fronteiras do CLTS*).

Certas pessoas preferem fecalismo a céu aberto (OD): Apesar de não estar relacionado com o CLTS, é revelador um estudo sobre Qualidade, Uso, Acesso e Tendências do Saneamento (SQUAT) nas zonas rurais do norte da Índia: constatou que 40% dos inquiridos preferia o OD, mesmo quando a sua família tinha uma casa de banho a funcionar, e que as casas de banho, lavagem das mãos ou outras práticas de higiene variavam substancialmente mesmo no interior dos agregados familiares (Coffey et al 2014; SQUAT 2014). O estudo da Plan (Tyndale-Biscoe et al 2013) também revelou

que, mesmo em famílias que mantiveram as suas casas de banho, alguns membros da família ainda podiam estar a praticar OD. Estas conclusões encontram eco em comunicações isoladas sobre CLTS: algumas pessoas preferem OD, especialmente se tiveram uma má experiência anterior de uso de uma casa de banho.

A pesquisa e a experiência têm mostrado muitas razões pelas quais as pessoas com casas de banho continuam a preferir OD, entre as quais:

- A casa de banho foi-lhes fornecida, não é nada que tenham escolhido.
- Pode servir para outros fins – armazenar forragem para os animais, combustível, etc.
- Para a fossa não encher tão depressa, reserva-se a casa de banho para alguns membros da família, visitantes, para a noite e/ou tempo de chuva.
- Para permitir que outros a usem, por exemplo as crianças que se estão a preparar para ir para a escola.
- A casa de banho está suja e/ou cheira mal.
- OD é considerado mais saudável e mais agradável, ao ar livre.
- OD está interiorizado como rotina e hábito/norma social.
- Medo de desmoronamento ou perigo para as crianças.
- A superestrutura não dá privacidade suficiente.
- Tabus sociais (por exemplo, sogro e nora não devem usar a mesma casa de banho).
- Não há casa de banho disponível quando se está fora de casa, por exemplo, quando se trabalha na agricultura.

Equidade e inclusão: A sustentabilidade social tem uma importante dimensão de equidade e inclusão. Muitas pessoas têm necessidades específicas para o seu acesso ao saneamento, por exemplo, pessoas com deficiência, os idosos, as pessoas com doenças crónicas, membros da comunidade com poucos rendimentos e crianças. A natureza variada das suas necessidades e a forma como podem ser atendidas tem de ser integrada no processo CLTS, para se conseguir atingir sustentabilidade para toda a comunidade (para mais informações, ver *Fronteras do CLTS* nº 3). A integração destas dimensões de equidade e de inclusão tem de começar logo na formação de facilitadores e deve continuar a ser monitorada depois de se atingir o estatuto ODF.



Ilustração de Regina Faul-Doyle.

Sanções contra aqueles que continuam o fecalismo a céu aberto desempenham um papel importante na sustentabilidade social. O estigma é um factor dissuasor. Podem levantar-se questões de justiça e direitos (por exemplo, Stangl e Trasi 2011). As opiniões divergem sobre até onde devem ir as sanções e quando devem ser introduzidas. Dividem-se em duas categorias: as que são decididas e aplicadas pelas comunidades e pelos comités WASH das comunidade; e as que são administrativa ou legalmente impostas. As sanções dentro das comunidades incluem a espera antes do amanhecer para interceptar e desincentivar praticante de fecalismo a céu aberto com acções que podem ir de pedidos educados a canções e apitos; e deliberar multas comunitárias (que raramente, porém, parecem ser aplicadas). As escolas e os alunos das escolas desempenham muitas vezes um papel. As acções administrativas e judiciais normalmente fazem parte de campanhas gerais de que o CLTS pode ou não pode fazer parte: recusar uma licença a quem não tenha casa de banho, reter e atrasar os pagamentos devidos, ou ameaçar fazê-lo; e até, em casos raros, tirar ou ameaçar tirar fotografias ou fazer vídeos. Algumas dessas sanções podem ser válidas, enquanto outras são questionáveis. Um número futuro de *Fronteras do CLTS* explorará a questão do CLTS e direitos humanos.

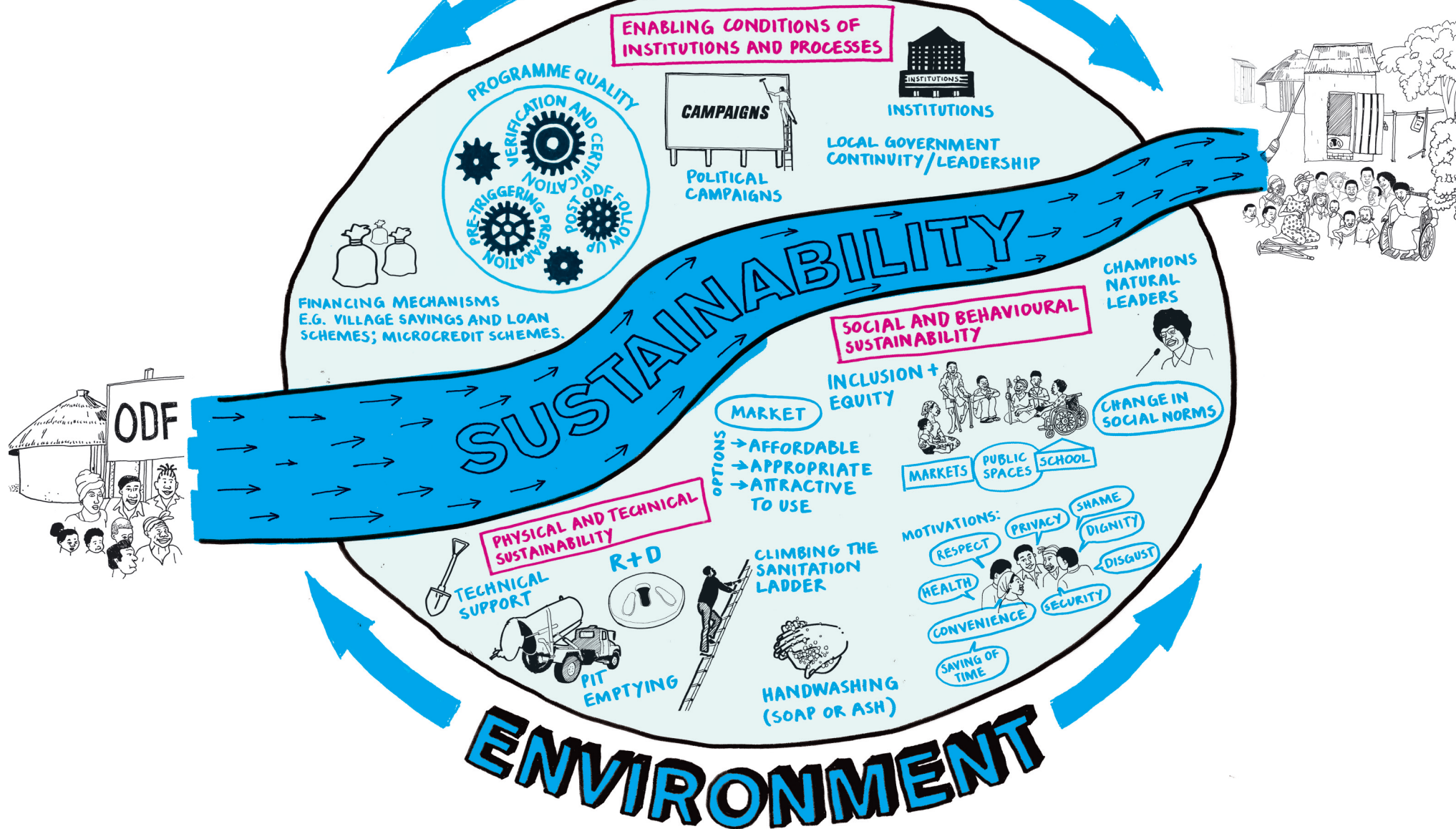
Não há indícios claros de relação entre o uso e a sustentabilidade de uma casa de banho e idade, género, modo de vida, escolaridade, estado civil e ter filhos, e ainda com a zona de residência (urbana, rural), embora se tenha constatado que os agregados familiares chefiados por mulheres têm maiores probabilidades de usar uma casa de banho (Hanchett et al. 2011). A riqueza é geralmente a mais importante variável explicativa para ter uma casa de banho melhorada, embora no CLTS as famílias mais pobres possam cavar fossas simples, enquanto algumas famílias mais ricas se atrasam porque aspiram a uma casa de banho de um nível superior ou porque se sentem menos sujeitas a pressões sociais.

As práticas de higiene e saneamento podem variar dentro de um agregado familiar e podem também mudar ao longo de um ciclo de vida, por exemplo:

- Os homens podem não querer partilhar uma casa de banho com a esposa/parceira ou com a filha menstruada – por medo de contacto com líquidos poluentes – e voltar assim a OD nestes momentos ou então é negada à mulher a utilização da casa de banho.
- A eliminação de fezes de bebés e crianças depende dos adultos. Depende do que as pessoas que tomam conta deles decidem dar ou incentivar, bem como da consciência que têm do risco de contaminação por excrementos de crianças. Se as crianças não querem usar a casa de banho por um motivo qualquer, isso pode afectar a vontade de quem toma conta delas de insistir para que a criança use o banheiro (Hueso 2014).

As mudanças de comportamento e maneira de pensar necessárias à firme aceitação e incorporação de ODF e práticas de higiene como normas sociais raramente são repentinas e universais. Requerem geralmente tempo, paciência e determinação.

ENABLING



Futuras fronteiras de acção e investigação

Outras análises têm produzido agendas de acção e investigação (por exemplo, Perez et al 2012). Baseando-se nelas, e nos dados aqui analisados, destacam-se cinco áreas críticas fundamentais além do ODF para acção e investigação relacionada com sustentabilidade. Cada uma delas merece ser considerada Fronteira por direito próprio e ainda há muito a aprender sobre como fazer melhor.

1. Como e quando introduzir a comercialização do saneamento?

Na fase pré-ODF, pode haver um compromisso entre construção rápida (muitas vezes uma fossa simples) e um progresso mais lento com tecnologia mais durável (como anéis para as fossas). Na fase pós-ODF, há normalmente a expectativa de que os agregados familiares subam a “escada do saneamento”, investindo em níveis superiores de tecnologia que proporcionem mais conforto, comodidade e durabilidade. A experiência mostra que não há garantia de que isso venha a acontecer. Houve quem considerasse a Comercialização do Saneamento um meio de gerar procura de produtos e serviços de saneamento. Tecnologia e estruturas caras e de prestígio podem, porém, ser prematuras, definindo padrões que impedem a auto-ajuda e excluem os mais pobres, aqueles que têm maior carga da doença e ainda aqueles que têm mais probabilidade de voltar ao OD. A implementação ineficaz de programas de comercialização do saneamento pode fazer com que os agregados familiares se atrasem na conclusão das suas casas de banho.



Promotores fazendo uma placa para o chão de uma latrina, aldeia de Chikompulazi, Mzuzu, Malawi. Fotografia: WaterAid/Layton Thompson

Por outro lado, a falta de promoção e de fornecimento de materiais apropriados pode perpetuar estruturas instáveis e pouco higiénicas e frustrar os que desejem melhorar. O desafio em cada contexto é saber que tecnologias e materiais devem estar disponíveis, e em que fase, para otimizar e promover a auto-ajuda, a apropriação e a sustentabilidade. Também é fundamental a forma como a assessoria técnica pode ser utilizada de forma eficaz para ajudar as famílias pobres a actualizar e melhorar as suas casas de banho com um mínimo de despesas.

Há muito que pode ser feito para as famílias pobres, sem necessidade de intervenções do sector privado, por exemplo, a realização de intervenções

ao nível na comunidade que identifiquem os riscos das casas de banho existentes no que toca a durabilidade e higiene, e dêem informações sobre opções de baixo custo para ultrapassar essas deficiências, prolongando a vida da casa de banho e tornando-a mais higiénica.

Eis alguns elementos das soluções:

- Pesquisa formativa para saber o que as pessoas querem, incluindo concepção centrada no humano – trabalhar com as comunidades para conceber produtos que elas querem e a que aspiram, mas a um preço acessível para elas.
- Identificar tecnologia e materiais adequados.
- Proporcionar acesso a serviços de microfinanças.
- Incentivar os empresários locais a reconhecer, desenvolver e abastecer o mercado potencial.
- ‘Sanimarts’ ou centros de demonstração de saneamento do governo ou de ONGs para promover opções de higiene para condições problemáticas, como sejam lençóis freáticos perto da superfície, solos instáveis, e zonas urbanas ou rurais congestionadas com limitações de espaço. Esses ‘sanimarts’ e esses centros têm tido, porém, um historial muitas vezes decepcionante.

A introdução de oferta adequada através do mercado, para satisfazer a procura gerada pelo CLTS apresenta muitos desafios. Apesar da importância de casas de banho duráveis e da oferta de mercado, precisamos de saber mais sobre como e quando introduzir um programa de comercialização do saneamento. O melhor pode ser uma abordagem caso a caso. O estudo da WaterAid na Nigéria (Robinson 2009) recomenda a introdução de uma intervenção de segunda fase um ano após a intervenção inicial de CLTS, para avaliar os resultados de saneamento e usar uma abordagem de comercialização de saneamento para melhorar as instalações sanitárias.

São necessárias recolha e análise de experiências e pesquisa em acção para ajudar as agências a aprender a:

- Identificar e, se necessário, facilitar o desenvolvimento de tecnologias apropriadamente duráveis e acessíveis.
- Fazer um compromisso ideal entre a rapidez em alcançar ODF e o nível, durabilidade e custo da tecnologia.
- Optimizar a introdução da comercialização do saneamento com processos de CLTS.
- Incentivar e apoiar empresários para abastecerem eficazmente o mercado de saneamento.
- Monitorar a eficácia da comercialização de saneamento e se esta comercialização chega ou não aos agregados familiares mais pobres, vulneráveis e desfavorecidos (já que raramente são eles que compram os produtos e serviços comercializados – tende a ser o grupo de rendimento médio, nas comunidades rurais).

2. Actuação pós-ODF de governos, ONGs, doadores e outros



Verificação na Zâmbia. Fotografia: Petra Bongartz.

A sustentabilidade pós-ODF deve ser planeada desde o início. As agências executoras e os seus financiadores normalmente não têm uma estratégia para melhoria contínua pós-ODF ou para fazer face ao retrocesso para OD. Essa estratégia exige planeamento logo de início, por parte de Governos, ONGs e agências financiadoras, que inclua monitoria e acções do programa, juntamente com dotações orçamentais e prestação de contas para manutenção dos resultados.

Há pouca documentação sobre o seguimento pós-ODF ou formação de indivíduos e ONGs para fazer a verificação por terceiros e aumentar assim a reserva disponível de certificadores. As

excepções são orientações para seguimento pós-despertar no Malawi (EWB 2010) e um *Guia de Facilitação de Workshops Comunitários de Seguimento: Para Orientação de Líderes Comunitários* (InterAide e EWB 2012). Tal como acontece com outras actividades de CLTS, a acção e responsabilidade do governo serão essenciais em quase toda a parte. Onde há ONGs envolvidas, é necessária uma colaboração mais estreita com os governos nas fases iniciais da intervenção.

Monitoria efectiva, apoio de retaguarda e empenho durante um período de tempo prolongado após o despertar exigem uma melhor compreensão de:

- Que actividades terão melhor relação custo-eficiência e durante quanto tempo.
- Que organizações – principalmente ministérios, mas também ONGs – devem ser responsáveis pela execução das actividades e pelas disposições institucionais adequadas.
- Como disponibilizar tempo suficiente do pessoal (dado que há, muitas vezes, actividades concorrentes) e dar incentivos.
- Níveis e duração do financiamento para essas actividades.
- Como assegurar a manutenção de um ambiente institucional favorável e a continuação da priorização das actividades pós-ODF.

3. Como garantir equidade e inclusão

As condições ODF exigem que todos os membros de uma comunidade tenham acesso a saneamento e adoptem práticas de higiene. Para alguns, isso é muito difícil ou impossível, se não tiverem apoio. As pessoas mais desfavorecidas podem ser as necessitadas ou muito pobres, sem familiares que as ajudem, fisicamente fracas, os doentes crónicos, as pessoas que vivem com HIV/SIDA, as viúvas, os idosos, ou outras pessoas com deficiências físicas ou mentais (ver *Fronteiras do CLTS* nº 3). Outros grupos que há que ter em consideração são trabalhadores migrantes e os sem-abrigo. Para todos estes, um comportamento higiénico coerente constitui um desafio (Hanchett et al. 2011; UNICEF 2014). No CLTS, o despertar e o seguimento destinam-se a incentivar a solidariedade no interesse de todos, com os que estão em melhor situação apoiando as pessoas com necessidades especiais. É-nos comunicado que isto acontece em muitos casos, mas pode muitas vezes não ser o suficiente. É precisa monitoria desagregada, sistemática e em grande escala para verificar os resultados entre os mais desfavorecidos, para que os decisores (e financiadores) possam tomar as medidas adequadas.

Uma solução poderia ser uma abordagem de CLTS com mais recursos, para combater as desigualdades e garantir resultados mais equitativos, mas isso poderia pôr em risco a auto-ajuda do CLTS. A questão continua a ser: que abordagens podem criar mudança permanente para os mais desfavorecidos? É preciso saber mais sobre:

- Quanto, por quem e para quem, pode ser feito pelos próprios membros da comunidade, individual ou colectivamente, e quanto deve vir como apoio do exterior.
- Como essas acções podem ser faseadas e facilitadas.
- Como a flexibilidade relativamente ao conteúdo, a escala e a intensidade do CLTS pode corresponder às necessidades específicas das pessoas.
- Como pode ser assegurada a sustentabilidade desse apoio.
- Se devia haver subsídios destinados aos mais pobres e como seria isso feito.

4. Como transformar as normas sociais

As normas sociais são fundamentais para a sustentabilidade. Um nível elevado de capital social e/ou sanções fortes podem aumentar a vontade de investir colectivamente na criação de uma comunidade ODF. As novas normas sociais têm mais probabilidades de serem respeitadas, quando as práticas de higiene e saneamento podem facilmente ser integradas nas rotinas diárias, quando a maioria das pessoas está convencida da necessidade de saneamento e higiene, e quando amigos ou vizinhos têm

experiências e opiniões positivas relativamente ao saneamento. As redes sociais também podem reforçar a expectativa de que outros seguirão novas normas sociais de comportamento relativamente a saneamento e higiene. São também necessários esforços dirigidos especificamente a grupos importantes e a influenciadores, para definirem e alterarem as normas sociais. No Bangladeche e noutros lugares, grandes mudanças no estatuto e na capacitação das mulheres, bem como a influência dos numerosos grupos de mulheres pode muito bem ter sido um factor de sustentabilidade. Uma influência significativa é também a coerência e consistência das práticas governamentais e institucionais, por exemplo, com casas de banho em escritórios e nas escolas.

É precisa mais investigação sobre muitas coisas relacionadas com normas sociais e a sua transformação sustentável. As perguntas são:

- Quais são as normas sociais que estão a ser criadas? Como variam segundo o contexto, a comunidade e a cultura?
- É útil identificar os principais influenciadores e trabalhar com eles mesmo antes do despertar?
- Que estímulos, pressões, sanções e outras influências levam a mudanças de comportamento e as preservam?
- O que dificulta a mudança de normas e comportamentos ou leva a retrocesso – esquecimento, preguiça, força do hábito, comodidade (por exemplo, se se vive perto da água), a necessidade de se aliviar o mais rapidamente possível, a defecação desagradável num espaço pequeno e assim sucessivamente).
- Quais são as dinâmicas sociais – e as dinâmicas comunitárias e familiares – que contribuem para a manutenção das condições ODF e para o retrocesso para OD?
- Qual o impacto no comportamento ODF das preocupações dos homens acerca do contacto com o sangue menstrual?

5. Monitoria, aprendizagem e mudança

Supõe-se (e até se afirma) que uma monitoria mais rigorosa está no cerne da sustentabilidade pós-ODF. Pode ser verdade, mas só até certo ponto (Thomas e Bevan 2013). Por razões sobretudo de cobertura, os governos têm a principal responsabilidade da monitoria. A monitoria participativa tem sido usada para garantir que os membros da comunidade tenham consciência do que é monitorado e comunicado, e pode garantir o rigor dos dados, bem como a continuação do êxito dos programas pós-ODF. As ONGs também podem participar e pode haver combinações de governo, ONGs e comunidades, como no leste de Java.

A monitoria pode identificar retrocesso mas é improvável que dê um

entendimento das razões subjacentes. Pode dar alertas precoces e levantar questões, mas responder a estas questões e aumentar a sustentabilidade institucional, física e social exigirá muitas vezes investigação para uma aprendizagem mais aprofundada e, em seguida, mudança correctiva.

A monitoria pode contribuir para a sustentabilidade ODF. Há questões sobre como funciona e como pode ser eficaz, por exemplo:

- Quem faz monitoria, quem aprende e quem muda em função disso?
- Qual a duração e intensidade ideais da monitoria?
- Como relacionar a monitoria com um quadro mais amplo de melhoria do saneamento e da higiene, com objectivos além de ODF (que, por sua vez, incentivem seguimento e incentivem monitorias com vista a verificações de nível superior)?
- Quais as ferramentas mais adequadas para a monitoria?
- Como monitorar áreas essenciais, mas difíceis, como sejam quem volta ao OD e a comercialização de saneamento?
- Como usar dados da monitoria para melhorar a execução?
- Qual a eficácia e a relação custo-eficácia da monitoria para *feedback* e acção?
- Qual o potencial de grupos comunitários e de grupos de apoio de pares para monitorar e promover a sustentabilidade da manutenção, aperfeiçoamento e utilização das casas de banho?

Uma última palavra

Há ainda muito a aprender. Os desafios para alcançar a sustentabilidade são múltiplos e complexos. Os hábitos são difíceis de alterar e a sustentabilidade da mudança de comportamento continuará, assim, a ser uma grande preocupação. As comunidades CLTS e WASH precisam de continuar a divulgar a aprendizagem e os conhecimentos, e a tirar conclusões práticas que levem a uma melhor prática. A aprendizagem em acção é um caminho a seguir. Partir-se das realidades no terreno, abertura de espírito, respeito mútuo e partilha são fundamentais. O acesso aberto às quatro avaliações das páginas iniciais deste número de *Fronteiras* cria um bom precedente. Para o futuro, precisamos de cada vez mais *feedback*, incisivo e actualizado, sobre o que está realmente a acontecer no terreno. Os profissionais podem divulgar mais a sua experiência em reuniões e conferências, e fazer mais para ajudar os outros a aprender, para que, em conjunto, todos nós que trabalhamos no sector possamos fazer melhor. A última palavra é que não haverá última palavra em matéria de sustentabilidade, apenas aprendizagem e mudança contínuas.

Bibliografia e outras leituras

- Allan, S.C. (2003) *A abordagem 100% da WaterAid Bangladesh/VERC relativamente ao Saneamento: Custo, Motivação e Sustentabilidade*, apresentado como parte de trabalho de Mestrado em Saúde Pública para Países em Desenvolvimento, Londres: London School of Hygiene and Tropical Medicine (LSHTM), www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/CLTS_Allan.pdf (em inglês)
- Bevan, J. (2011) *Uma avaliação da execução da UNICEF da Abordagem de CLTS na África Ocidental e Central*, 35ª Conferência Internacional WEDC, Loughborough, Reino Unido, <http://wedc.lboro.ac.uk/resources/conference/35/Bevan-J-1247.pdf> (em inglês), consultado a 24 Outubro de 2014
- Beyene, H. e Deressa, W. (2015) *Desafios de Sustentabilidade e Efeito das Intervenções do Saneamento Total Liderado pela Comunidade sobre Doenças Diarreicas e outros Comportamentos de Higiene no Sul da Etiópia*
- Black, M. (2013) "Aumento de escala e sustentabilidade, a dupla e vaga procura: os agentes de saneamento da aldeia na RD do Congo", *Waterlines* 32.2
- Boot, N. (2014) *Comercialização de Saneamento em Kenema, Serra Leoa: Desafios ao Aumento de Escala e Oportunidades de Sucesso*, 37ª Conferência Internacional WEDC, Hanói, Vietname
- Chambers, R. (2013) *Campanhas de CLTS: Uma Lista de 88 Ações Práticas*, www.communityledtotalsanitation.org/resource/clts-campaigns-checklist-88-practical-actions (em inglês), consultado a 24 de Outubro de 2014
- CLTS Knowledge Hub (ed.) (2011) *Notas de Lukenya: Ampliar o CLTS com Qualidade*, Brighton: IDS www.communityledtotalsanitation.org/resource/lukenya-notes-taking-clts-scale-quality (em inglês), consultado a 31 de Outubro de 2014
- CLTS Knowledge Hub (ed.) (2012) *Briefings de Lilongwe: CLTS Monitoria, Verificação, Aprendizagem e Gestão da Informação*, Brighton: IDS, www.communityledtotalsanitation.org/resource/lilongwe-briefings-outputs-international-workshop-lilongwe (em inglês), consultado a 31 de Outubro de 2014
- Coffey, D., Gupta, A., Hathi, P., Khurana, N., Spears, D., Srivastav, N. and Vyas, S. (2014) *Preferência revelada por Fecalismo a Céu Aberto: Dados de um Novo Inquérito nas Zonas Rurais do Norte da Índia*, SQUAT Working Paper 1, Rice Institute, http://riceinstitute.org/wordpress/wp-content/uploads/downloads/2014/09/SQUAT-paper-for-mailing-and-website_062414.pdf (em inglês)
- Curtis, V. (2013) *Não olhe, não toque, não coma: A Ciência da Repulsa*, Chicago e Londres: University of Chicago Press
- EAWAG, Gensch, R., Sacher, N. (2015) 'Arborloo', in K. Conradin, M. Kropac, e D. Spuhler (eds.) *The SSWM Toolbox*. Basileia: Seecon International gmbh, www.sswm.info/print/661?tid=838 (em inglês)
- EWB (2010) *Orientações para Seguimento de CLTS*, www.communityledtotalsanitation.org/resource/clts-follow-guidelines, consultado a 24 de Outubro de 2014
- Geruso, M. e Spears, D. (2014) *Externalidades de Saneamento e Saúde: A Solução do Paradoxo da Mortalidade Muçulmana*, <https://laits.utexas.edu/~mlg2296/images/MuslimSanitation.pdf> (em inglês), consultado a 31 de Outubro de 2014
- Hanchett, S., Krieger, L., Kahn, M.H., Kullmann, C. e Ahmed, R. (2011) *Sustentabilidade a Longo Prazo do Saneamento Melhorado nas Zonas Rurais do Bangladesh*, Washington, DC: Banco Mundial, <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/17347> (em inglês)
- Harvey, P. (2011) 'Saneamento Total Liderado pela Comunidade, Zâmbia: Chicote, Cenoura ou Balão?', *Waterlines* 30.2: 95–105
- House, S., Ferron, S., Sommer, M., e Cavill, S. (2014) *Violência, Género e WASH: Manual do técnico*, <http://violence-wash.lboro.ac.uk/> (em inglês)
- Hueso, A. (2013) *Caminhos para a Sustentabilidade em Saneamento Total Liderado pela Comunidade. Experiências de Madhya Pradesh e Himachal Pradesh*, Valência: Universitat Politècnica de València
- Hueso, A. (2014) *O que fazer com cocó de bebé: o aspecto ignorado de uma questão ignorada*, blogue do site de CLTS, www.communityledtotalsanitation.org/blog/what-do-infant-poo-blind-spot-blind-spot (em inglês), consultado a 31 de Outubro de 2014,
- InterAide e Engineers Without Borders, Canadá (EWB) (2012) *Guia de Facilitação do Workshop de Seguimento da Comunidade: para orientação de líderes comunitários*, www.communityledtotalsanitation.org/resource/community-follow-workshop-facilitation-guide-orientation-community-leaders
- Jalloh, A.D, Kamara, A.S. e Beyene, A. (2013) *Redes de Líderes Naturais*, onepager, www.communityledtotalsanitation.org/resource/natural-leaders-networks, consultado a 7 de Janeiro de 2015
- Maule, L. (2013) *Uso das Teoria das Normas Sociais para Reforçar os Programas CATS da UNICEF*, Nova Iorque: UNICEF
- Maulit, J.A. e Kang, M. (2011) *Efeitos da Concepção Programática e Institucional na gestão do CLTS ao Nível Distrital no Malawi*, Documento Informativo 1244, 35ª Conferência Internacional WEDC, Loughborough, Reino Unido, <http://wedc.lboro.ac.uk/resources/conference/35/Maulit-J-A-1244.pdf> (em inglês)
- Movik, S. and Mehta, L. (2010) *As Dinâmicas e Sustentabilidade do Saneamento Total Liderado pela Comunidade: Mapeamento de Desafios e Caminhos*, Documento de Trabalho STEPS 37, Brighton: STEPS Centre
- Mukherjee, N. com Robiarto, A., Effentrif, S. e Wartono, D. (2012) *Alcançar e Manter Comunidades Livres de Fecalismo a Céu Aberto: As lições de Java Oriental*, Washington DC: Programa de Água e Saneamento (WSP) www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/WSP_Indonesia_Action_Research_Report.pdf (em inglês)
- Noor, T.R. e Ashrafee, S. (2004) *Bangladeche. Fim ao Fecalismo a Céu Aberto: Processo, Custo, Motivação e Sustentabilidade: Abordagens Centradas nas Pessoas da Água e Saneamento Ambiental*, 30ª Conferência Internacional WEDC International Conference, Vientiane, Laos
- O'Connell, K. (2014) *O Que Influencia a Defecação a Céu Aberto e a Posse de Latrinas em Agregados Familiares Rurais?: Resultados de uma Revisão Global*, Documento de Trabalho do Programa de Água e Saneamento, Washington DC: Banco Mundial, www.wsp.org/sites/wsp.org/files/publications/WSP-What-Influences-Open-Defecation-Global-Sanitation-Review.pdf (em inglês), consultado a 31 de Outubro de 2014
- Pendly, C. e Obiols, A.L. (2013) *Aprender com a Inovação: A Iniciativa um Milhão em Moçambique. Estudo de Caso de Saneamento Total Liderado pela Comunidade*, Haia: IRC International Water and Sanitation Centre
- Perez, E. com outros (2012) *O que é preciso para ampliar o saneamento?*, Documento de Trabalho do WSP, Washington DC: Banco Mundial, www.wsp.org/sites/wsp.org/files/publications/WSP-What-does-it-take-to-scale-up-rural-sanitation.pdf (em inglês), consultado a 31 de Outubro de 2014
- Quattri, M e Smets, S. (2014) *A Falta de Saneamento Melhorado ao Nível da Comunidade Causa Nanismo em Aldeias Rurais do Laos e Vietname*, Documento apresentado na 37ª Conferência Internacional WEDC, Hanói, Vietname
- Rao, V. (2015) *Um Estudo de Duas Organizações de Líderes Naturais na Índia*, www.communityledtotalsanitation.org/resource/study-natural-leaders-networks-chhattisgarh-and-madhya-pradesh (em inglês), consultado a 1 de Fevereiro de 2015
- Robinson, A. (2009) *Sustentabilidade e Aspectos de Equidade de Programas de Saneamento Total: Um Estudo de Programas Recentes Apoiados pela WaterAid*

na Nigéria, Londres: WaterAid, www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/Nigeria_CLTS_synthesis_report.pdf (em inglês)

- Spears, D. (2014) *O valor Nutricional das Casas de Banho: Saneamento e Variação Internacional em Altura*, publicado pela primeira vez em 2012
- Stangl, A. and Trasi, R. (2011) *Criar Mudança de Comportamento com Vergonha e Repulsa. Uma Avaliação de Prática de Saúde Pública Actual e das Implementações de Saneamento Total Liderado pela Comunidade*, International Centre for Research on Women (documento de trabalho para a Bill e Melinda Gates Foundation)
- SQUAT (2014) *Acabar com o Fecalismo a Céu Aberto Exige Mudar as Mentas*, Documento Informativo SQUAT nº 1, www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/media/Squat_brief_no1.pdf (em inglês)
- Syukroni, N. (2015) *Despertar para STBM de Cinco Pilares: Aprendizagem com a Implementação de CLTS na Aldeia de Tiwerea, Distrito de Ende, Indonésia*, www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/media/Triggering_five_pillars_STBM_Indonesia.pdf
- Thomas, A. and Bevan, J. (2013) *Protocolo de Desenvolvimento e Monitoria para a Eliminação do Fecalismo a Céu Aberto na África Subsaariana*, UNICEF, www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/Thomas_and_Bevan_Elimination_of_open_defecation_SSA.pdf (em inglês)
- Tyndale-Biscoe, P., Bond, M. e Kidd, R. (2013) *Estudo de Sustentabilidade ODF*, FH Designs e Plan International, <http://www.communityledtotalsanitation.org/resource/estudo-de-sustentabilidade-odf-plan>, consultado a 2 de Março de 2014
- UNICEF (2014) *Avaliação da Estratégia Sectorial WASH “Abordagens Comunitárias para Saneamento Total” (CATS)*, UNICEF, www.unicef.org/evaluation/files/Evaluation_of_the_WASH_Sector_Strategy_FINAL_VERSION_March_2014.pdf, consultado a 31 de Outubro de 2014 (em inglês)
- Venkataramanan, V. (2012) *Testes de Aumento de Escala do CLTS: Análise Sistemática da Bibliografia*, Chapel Hill NC e Washington DC: University of North Carolina e Plan International USA
- WaterAid (2009) *Aspectos de Sustentabilidade e Equidade de Programas de Saneamento Total: Um estudo de Programas Recentes Apoiados pela WaterAid em Três Países*, Relatório de Síntese Global, Londres: WaterAid www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/clts_synthesis_report.pdf (em inglês)
- Whaley L. e Webster, J. (2011) “A Eficácia e Sustentabilidade de Duas Abordagens de Saneamento e Higiene Orientadas para a Procura Abordagens no Zimbabwe”, *Journal of Water, Sanitation and Hygiene for Development* 1.1: 20–36
- Wilbur, J. e Jones, H. (2014) “Deficiência: Tornar o CLTS Plenamente Inclusivo”, *Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias* Nº 3, Brighton: IDS http://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/bitstream/handle/123456789/4515/Fronteiras_3_Defici%C3%Aancia_Tornar_o_CLTS_Plenamente_Inclusivo.pdf?sequence=3
- WSP (2011) *Factores Associados com Alcançar e Manter Comunidades Livres de Fecalismo a Céus Abertos: Lições de Java Oriental*, Washington DC: Programa de Água e Saneamento (WSP), www.wsp.org/sites/wsp.org/files/publications/WSP-Factors-Achieving-ODF-East-Java.pdf (em inglês)
- WSP (2014a) *Investir na Próxima Geração: As Crianças São Mais Altas e Mais Inteligentes nas Aldeias Rurais do Laos, onde Todos os Membros da Comunidade usam Saneamento Melhorado*, Documento de pesquisa do WSP
- WSP (2014b) *Investir na Próxima Geração: As Crianças São Mais Altas e Mais Inteligentes nas Aldeias Rurais das Montanhas do Vietname, onde os Membros da Comunidade usam Saneamento Melhorado*, Documento de pesquisa do WSP

Sobre a série

Trata-se de uma série de notas curtas que dão orientações práticas sobre novos métodos e abordagens, e que reflectem sobre questões mais amplas. Agradecemos comentários, ideias e sugestões. Contacte-nos no site CLTS@ids.ac.uk

Outros recursos essenciais sobre CLTS

Este e muitos outros recursos estão disponíveis em www.communityledtotalsanitation.org/resources

Bongartz, P. e Chambers, R. (2009) “Beyond Subsidies: Triggering a Revolution in Rural Sanitation” [“Além dos Subsídios: Provocar uma Revolução em Saneamento Rural”], *In Focus* 10, Brighton: IDS

Bongartz, P., Musembi Musyoki, S., Milligan, A. e Ashley, H. (2010) *Tales of Shit: Community-Led Total Sanitation in Africa* [“Histórias de Cocó: Saneamento Total Liderado pela Comunidade em África”], Participatory Learning and Action 61, Londres: International Institute for Environment and Development (IIED)

Kar, K. (2010) *Facilitating “Hands-on” Training Workshops for CLTS: A Trainer’s Training Guide* [“Facilitação de Sessões de Formação Prática em CLTS: Guia de Formador de Formadores”], Geneva: WSSCC

Kar, K. com Chambers, R. (2008) *Handbook on Community-Led Total Sanitation* [“Manual de Saneamento Total Liderado pela Comunidade”], Brighton e Londres: IDS e Plan International

Outros números desta série

Número 1: Cole, B. (2013) “Desenvolvimento da Concepção Participativa para Saneamento”

Ben Cole, que ajudou o UNICEF a adaptar e a testar a concepção participativa de latrinas no Malawi, descreve as diferentes fases da concepção participativa de latrinas e dá orientações práticas com base nas experiências do Malawi.

Número 2: Maulit, J. A. (2014) “Como Despertar para a Lavagem das Mãos com Sabão”

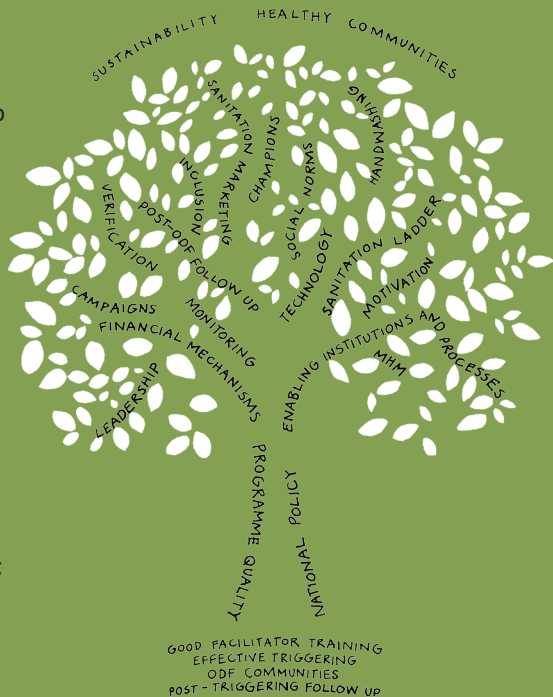
Este guia, elaborado no Malawi pelo UNICEF, responde à necessidade de ferramentas específicas que ajudem a incorporar a lavagem das mãos no CLTS.

Número 3: Wilbur, J. e Jones, H. (2014) “Deficiência: Tornar o CLTS Plenamente Inclusivo”

Este número centra-se nas pessoas com deficiência e necessidades especiais para acesso ao saneamento. Inclui recomendações práticas para as pessoas que trabalham com CLTS para tornarem mais inclusivos as diversas fases e os diversos processos

Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação

Houve vários estudos úteis sobre sustentabilidade que destacaram alguns dos diferentes aspectos, bem como as complexidades em questão. Não é claro, porém, quanto do que aprendemos com esses estudos foi incorporado na programação e na prática actual e futura. Com base em pesquisa existente e no nosso próprio entendimento, este número de *Fronteiras do CLTS* é uma tentativa de fazer uma síntese actualizada de onde nos encontramos no início de 2015. Neste número, identificamos algumas áreas prioritárias para aprendizagem: Como introduzir comercialização de saneamento; Participação pós-ODF do governo, ONGs, doadores e outros; Como garantir equidade e inclusão; Como transformar as normas sociais; Monitoria, aprendizagem, mudança.



CLTS
Knowledge
Hub

Ilustração de Barney Haward

Institute of Development Studies
Universidade de Sussex, Brighton BN1 9RE, Reino Unido

Site: www.communityledtotalsanitation.org

E-mail: CLTS@ids.ac.uk

Twitter: @C_L_T_S

Tel.: +44 (0)1273 606261

Fax: +44 (0)1273 621202

IDS, instituição particular de solidariedade social:

Instituição de Solidariedade Social. 306371; Registada em Inglaterra 877338 N° de IVA. GB 350 899914

Saiba mais

Assine o boletim informativo de CLTS, partilhe as suas experiências e contribua para o site de CLTS através do e mail CLTS@ids.ac.uk